



TARRYN FISHER

A Oportunista

TARRYN FISHER

A Oportunista

TRADUÇÃO
FÁBIO ALBERTI

COPYRIGHT © 2012 BY TARRYN FISHER

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2016

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **PATRICIA CALHEIROS**

Revisão **GABRIELA DE AVILA**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa **COKA | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fisher, Tarryn

A oportunista / Tarryn Fisher ; tradução Fábio Alberti. — Barueri, SP : Faro Editorial, 2016.

Título original: The opportunist.

ISBN 978-85-62409-61-5

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

15-10660

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



1ª edição brasileira: 2016

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

www.faroeditorial.com.br

CAPÍTULO 1

Presente



EU SOU OLIVIA KASPEN, E QUANDO AMO ALGUMA COISA eu a arranco de minha vida. Isso não é intencional... Pelo menos, não totalmente. Eu vejo uma dessas coisas neste momento, um sobrevivente do meu amor cáustico e doentio. Ele está a cem metros de mim, conferindo velhos discos.

Caleb. O nome dele invade minha cabeça como uma lâmina, abrindo feridas que já haviam cicatrizado. Meu coração tenta lutar contra esse processo e tudo que consigo fazer é ficar parada, observando-o. Já se passaram três anos desde a última vez que eu o vi. Suas palavras de despedida para mim foram um aviso para que eu ficasse longe dele. Respiro fundo, enchendo meus pulmões de ar úmido, e faço um esforço para controlar minhas emoções turbulentas.

Eu quero ir até ele. Quero ver o ódio surgindo em seus olhos. Mas que idiotice. Começo a me afastar, e quando estou quase atravessando a rua em direção ao meu carro, meus pés vacilam. O arrepio traiçoeiro da agitação me faz cerrar os punhos com força. Volto para perto da vitrine. Esse é o meu lado da cidade... Como ele se atreve a dar as caras *por aqui*?

Sua cabeça está inclinada sobre uma caixa de papelão cheia de CDs, e quando ele se vira para olhar alguma coisa ao seu lado, vejo de relance seu nariz peculiar. Meu coração estremece. Eu ainda amo esse cara. Essa constatação me espanta. Pensei que tivesse superado isso. Pensei que

pudesse lidar com algo assim — um esbarrão, um encontro ao acaso. Eu fiz terapia e tive três anos para...

Esquecê-lo.

Mais uma culpa em minha consciência.



Depois de vasculhar minhas emoções por mais alguns segundos, dou as costas para a loja de música e para Caleb. Não posso fazer isso. Não posso retornar ao mesmo tormento. Quando vou descer o meio-fio, as nuvens que ameaçaram Miami durante uma semana rugem como encanamento antigo. Mal consigo dar dois passos antes que a chuva comece a cair sobre a calçada, emsopando minha camisa branca. Volto rapidamente e busco abrigo debaixo do toldo da loja. Olho para meu velho Fusca através da chuva forte; uma rápida corrida e eu estaria a caminho de casa. Escuto a voz de um estranho no instante em que eu vou partir, interrompendo meu movimento. Eu hesito, sem saber ao certo se ele está falando comigo.

— O céu está vermelho, e isso é um mau sinal.

Viro-me para onde veio a voz e me deparo com um homem parado logo atrás de mim. Ele está mais perto do que se consideraria aceitável do ponto de vista social. Deixo escapar da garganta um ruído que mostra minha surpresa e recuo um passo. O estranho é pelo menos trinta centímetros mais alto que eu e bastante musculoso, embora isso não o torne atraente. Ele mantém suas mãos em uma posição curiosa, com os dedos esticados e afastados entre si. Meus olhos são atraídos por uma mancha que parece um alvo no meio de sua testa.

— Quê? — Balanço a cabeça, confusa. Tento olhar por sobre o ombro dele, a fim de avistar Caleb. *Ele ainda está aqui? Será que devo ir embora?*

— É uma velha superstição de marinheiro. — O estranho encolhe os ombros.

Abaixo meus olhos até o rosto dele, que parece vagamente familiar, e, enquanto eu considero a possibilidade de dizer-lhe para sumir da minha frente, fico me perguntando onde já o havia visto antes.

— Tenho um guarda-chuva. — Ele exhibe um objeto com motivos florais e cabo de plástico em forma de flor. — Posso acompanhar você até seu carro.

Olho para o céu, que realmente parece de um vermelho intenso, e estremeço. Quero que o homem me deixe em paz e estou quase dizendo isso a ele, mas então eu penso — *E se isso for um sinal? O céu está vermelho. Mas que droga, era só o que me faltava!*

Avalio o esmalte lascado no dedão do meu pé e considero sua oferta. Não sou dada a presságios, mas ele tem uma maneira de me manter seca.

— Não, obrigada — respondo. Viro com rapidez a cabeça na direção da loja atrás de mim, deixando claro que já havia tomado uma decisão.

— Tudo bem. Vem aí uma tempestade, mas você é quem sabe. — Ele encolhe os ombros mais uma vez e sai sob a chuva, sem abrir o guarda-chuva.

Eu o observo enquanto ele se afasta. Suas costas largas se curvam contra o aguaceiro como uma cobertura para o resto do corpo. Ele é de fato enorme. Em segundos ele é encoberto pela chuva torrencial e eu já não consigo mais vê-lo. Eu o conheço de algum lugar, mas com certeza me lembraria de um sujeito tão grande se já o tivesse encontrado antes. Volto para a loja de música. Na placa sobre a porta se lê o nome *Music Mushroom*, escrito em letras luminosas. Disfarçadamente, procuro os corredores que levam até Caleb. Ele está bem onde eu o vira pela última vez, com a cabeça inclinada sobre o que parecia ser a seção de reggae. Mesmo de onde estou, eu posso perceber uma pequena marca em sua sobrancelha.

Ele não consegue tomar uma decisão. Eu percebo o que estou fazendo e fico envergonhada. Eu não o conheço mais. Não posso tecer suposições sobre o que ele está pensando.

Desejo que ele levante a cabeça e me veja, mas isso não acontece. Como não pretendo mais espiar sob os toldos do lado de fora, como uma criatura das sombras, eu reúno coragem, recomponho-me e passo pela porta. Fico gelada e estremeço quando o ar condicionado do lugar entra em contato com minha pele úmida. À esquerda, vejo uma estante alta que abriga vários objetos, entro atrás dela e pego meu pó compacto para retocar a maquiagem.

Enquanto espiono Caleb através das prateleiras da estante, uso os dedos para remover vestígios de rímel sob meus olhos. Tenho de fazer parecer que encontrei Caleb em meu caminho por acaso.

Diante de mim há um *bong* com a forma da cabeça de Bob Marley. Olho dentro dos olhos cristalinos de Bob e ensaio uma expressão de surpresa. Saber que eu posso descer tão baixo me deixa indignada. Beliscando minhas bochechas para deixá-las rosadas, saio de meu esconderijo.

E acontece tudo o que não podia acontecer.

Os saltos dos meus sapatos batem no piso, estalando ruidosamente à medida que me aproximo de Caleb. Talvez fizesse menos barulho se eu tivesse contratado alguém para anunciar minha chegada com uma trombeta. Para minha surpresa, ele não olha para cima. Um estalo escapa do ar condicionado quando estou a apenas alguns metros de distância dele. Alguém havia amarrado fitas verdes na saída de ar. Quando elas começam a dançar, sinto um cheiro conhecido. O cheiro de Caleb: hortelãs e laranjas.

Estou perto o bastante para ver a cicatriz que contorna com gentileza seu olho direito — aquela que eu costumava acariciar com o dedo. Sua presença em qualquer lugar parece causar impacto físico. Para confirmar isso, vejo mulheres — velhas e jovens — lançando-lhe olhares, inclinando-se na direção dele. O mundo inteiro se curva diante de Caleb Drake e ele permanece encantadoramente alheio a isso. É algo desagradável de se testemunhar.

Com cuidado, eu me aproximo dele e procuro um CD. Sem se dar conta de minha presença, Caleb se abaixa enquanto confere os nomes dos artistas por ordem alfabética. Acompanho seus movimentos, e quando estou atrás dele, seu corpo se volta em minha direção. Eu fico paralisada e, por um breve instante, sinto vontade de sair correndo. Finco os saltos no chão e observo enquanto ele examina meu rosto como se nunca tivesse me visto antes. Começo a apertar o objeto quadrado de plástico em minha mão. E, então, depois de três longos anos, eu escuto sua voz.

— Eles são bons?

Sinto um abalo percorrer meu corpo da cabeça aos pés e atingir meu estômago como chumbo.

Ele ainda fala com o leve sotaque britânico de que eu me lembro, mas não há resquício da aspereza que eu esperava ouvir. Alguma coisa está errada.

— Hummm...

Ele volta sua atenção para mim e seus olhos examinam minhas feições como se as vissem pela primeira vez.

— O que disse? Desculpe-me, eu não entendi.

Merda, merda, merda!

— Hã... Eles são legais — respondo, enfiando o CD de volta em sua prateleira.

Ficamos em silêncio por um longo momento. Chego à conclusão de que ele está esperando que eu diga algo.

— Esse não é exatamente o seu tipo de música.

Ele parece confuso.

— Não é meu tipo de música?

Faço que sim com a cabeça.

— E qual tipo você acredita que seja o meu? — Ele me olha com expressão risonha e sua boca se curva num leve sorriso.

Examino seu rosto com atenção, buscando alguma dica para entender o jogo que ele está fazendo. Caleb sempre foi muito bom com expressões faciais; sempre exibia a expressão certa no momento certo. Ele parece tranquilo e pouco interessado em minha resposta. Eu lhe respondo com naturalidade:

— Bem, o seu estilo musical é mais o rock clássico... Mas eu posso estar enganada. As pessoas mudam.

— Rock clássico? — ele repete, olhando para os meus lábios.

Sinto um estremecimento involuntário ao recordar que ele olhava para os meus lábios desse mesmo jeito no passado. Não foi com esse olhar que tudo havia começado?

— Desculpe-me — ele diz, desviando o olhar para o chão. — Isso é embaraçoso, mas eu... hum... eu não sei qual é o meu estilo. Não lembro de nada a esse respeito.

Fico boquiaberta diante dessa resposta. Seria algum tipo de brincadeira de mau gosto, uma tentativa de se vingar de mim?

— Você não se lembra? Mas como é possível que não se lembre?

Caleb passa a mão pela nuca e esse movimento faz com que os músculos de seu braço se contraíam.

— Perdi a memória em um acidente. Sei que isso parece meio batido. Mas a verdade é esta: acho melhor avisar que eu não tenho ideia do que gosto ou do que gostava. Sinto muito. Não sei por que estou lhe dizendo isso.

Caleb se volta para ir embora, provavelmente porque a expressão de choque em meu rosto é tão clara que isso o deixa constrangido. Parece que meu cérebro foi transformado em purê de batatas. Nada faz sentido. Nada se encaixa. Caleb não sabe quem eu sou. *Caleb não sabe quem eu sou!* Cada passo que ele dá em direção à porta me deixa mais desesperada. Em algum lugar em minha cabeça eu ouço uma voz gritar: “*Faça-o parar!*”

— Espere — eu digo com a voz fraca. — Espere... *espere!* — Dessa vez eu grito e várias pessoas se voltam para mim surpresas. Eu as ignoro e me concentro em fazer Caleb voltar. Ele está quase alcançando a porta de saída quando se vira para me encarar. Pense rápido. *Pense rápido!* Levanto a mão para indicar que me espere no lugar onde está e saio apressada rumo à seção de rock clássico. Em menos de um minuto consigo achar o CD que costumava ser o favorito de Caleb. Volto com o objeto apertado nas mãos e paro perto de onde ele está.

— Você vai gostar deste — digo, atirando-lhe o CD. Meu arremesso não é dos melhores, mas ele pega o disco com elegância e sorri com certa tristeza.

Observo-o enquanto ele caminha até a caixa registradora, assina o recibo de seu cartão de crédito e então cai fora, desaparecendo mais uma vez de minha vida.

“*Olá! Adeus.*”



Por que eu não disse a ele quem sou? Agora é tarde demais; o momento de agir com sinceridade já passou. Fico ali olhando fixamente para o ponto em que ele havia sumido, o coração batendo muito devagar em meu peito, como se eu tentasse processar o que havia acontecido. Ele me esqueceu.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
A LIS GRÁFICA EM MARÇO DE 2016